

O conceito de pesquisa na pesquisa em artes

Apresentação

Editoria Executiva

O ARJ - ART RESEARCH JOURNAL/REVISTA DE PESQUISA EM ARTES é uma publicação acadêmica bilíngue (português e inglês), seriada, arbitrada e online, a cargo de um consórcio de Associações brasileiras de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes (ABRACE-Artes Cênicas; ANPAP-Artes Visuais e ANPPOM-Música) em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tem o objetivo de socializar resultados da pesquisa em Artes para a comunidade artística, acadêmica e científica. A meta do ARJ é produzir material de referência para os cursos de graduação e pós-graduação de artes dos países de língua portuguesa e, ao mesmo tempo, promover a produção de pesquisa em artes junto à comunidade acadêmica internacional.

A ideia da criação do ARJ surgiu nos fóruns de coordenadores fóruns de coordenadores de programas pós-graduação (PPG) da área de Artes/Música junto à CAPES durante o triênio 2007-2009, como planejamento de ações indutoras do fortalecimento da pesquisa na área. Desde então, durante as discussões, ao observar que a construção da série de critérios para avaliação de indexadores externos da produção artística já estava em andamento, e que no processo de avaliação dos PPGs pela CAPES, a produção artística passara a ter peso equivalente ao da produção bibliográfica, a pesquisa acadêmica em Artes conheceu uma etapa de consolidação e creditação externa.

Em 2012, a área de Artes/Música promoveu o evento "O conceito de pesquisa na pesquisa em Artes", em cooperação com o PPG em Artes Cênicas da UFRN, objetivando possibilitar a criação do ARJ e ensejar a coleta de material inédito para publicação. Este primeiro número do ARJ compõe-se, pois, de versões editadas das comunicações apresentadas no evento inaugural, realizado na UFRN entre 19 e 23 de novembro de 2012 (com apoio da CAPES, da FAPERN e da própria UFRN). A UFRN também financiou a tradução do português/versão do inglês dos 17 artigos que compõem este volume pela firma Tradutorium.

Para dar conta da variedade de abordagens que o título do evento provocou, as contribuições foram divididas em três grupos, a serem publicados nos dois volumes que compõem o número 1, correspondente à edição inaugural. Para este primeiro volume, reservamos dois grupos de artigos, que constituem duas sessões: **PESQUISA EM ARTES** e **PESQUISA SOBRE ARTES**. O terceiro agrupamento integrará o n.2: **PESQUISA ARTÍSTICA**. Desse modo tornamos mais integradas as subáreas, respeitando a orientação geral ditada pela interdisciplinaridade, bem como a necessidade de manter uma transversalidade de abordagem do tema central: O CONCEITO DE PESQUISA NA PESQUISA EM ARTES.

O ensaio de abertura, **Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico**, escrito por Sylvie Fortin e por Pierre Gosselin, ambos da Universidade de Quebec em Montreal (UQAM), focaliza o que os autores consideram três caminhos possíveis para o desenvolvimento de teses de Doutorado em artes, baseados na experiência realizada nos Estudos e Práticas Artísticas da UQAM: tese-pesquisa, tese-intervenção e tese-criação. O modelo para a pesquisa em artes é organizado em torno de três tradições filosóficas colocados em prática por meio de três tipos de pesquisa etnográfica (tomada num sentido amplo): 1 - etnografia interpretativa, focada na descrição e na compreensão da situação; 2 - etnografia crítica, que vê a realidade mascarada por um conjunto de estruturas sociais e políticas que envolvem

relações de dominação; e a 3 - etnografia pós-moderna; classificação que pode ser útil, de modo geral, para pesquisadores em arte envolvidos tanto com teses teóricas quanto práticas. Por esses motivos o ensaio foi escolhido para abrir a Sessão PESQUISA EM ARTES.

Seguem-se as reflexões de Ian Cross, da Universidade de Cambridge (Inglaterra), no ensaio **Artes & humanidades e as ciências: música e a mediação de tensões interdisciplinares**, sobre os diferentes comprometimentos das ciências, por um lado, e das artes e humanidades, por outro, com as maneiras de criar, compreender e usar o conhecimento. Se o papel da autoridade (ou a validade) do conhecimento nas ciências pode ser externalizado e generalizado através do processo de revisão por pares, o conhecimento nas artes e humanidades é, muitas vezes, validado por meio da reputação, do apoio de especialistas e da influência direta, ainda que historicamente, as duas grandes áreas tenham co-existido no sistema acadêmico sem, parece, se importarem muito uma com a outra. O pesquisador usa como exemplo sua experiência no Centro de Música e Ciência (CMS) da Universidade de Cambridge, para poder sugerir maneiras pelas quais as abordagens interdisciplinares podem reconhecer a especificidade das ciências, das artes e das humanidades, de modo a beneficiar ambas.

No ensaio seguinte, **O indizível e as obras imaginárias de Klein e Craig**, da autoria de Luiz Fernando Ramos (USP-SP), o artista francês Ives Klein (1928-1962) e o artista inglês Gordon Craig (1872 – 1966) são matérias de reflexão sobre uma pesquisa em artes da qual resultam a noção de uma “sensibilidade pictórica imaterial”, em sua “exposição do vazio” de 1958, até o “Teatro do Vazio” (1960), de Ives Klein, criando ambiências invisíveis, mas radiantes a ponto de expressarem a própria essência da pintura; e a noção de *uber-marionette* e do *Drama for Fools*, de Gordon Craig. A hipótese em jogo é a de que com suas obras imaginárias ambos operaram no campo em que o indizível torna-se a

obra, e por isso reverberam nos procedimentos de artistas da cena contemporânea.

A seguir, Maria Helena Werneck (UNIRIO), no ensaio **O espectador avisado e a pesquisa em artes**, discute o “conceito da pesquisa na pesquisa em artes” a partir de dois livros *Notre Théâtre. La Cerisaire, cahier de spectateur*, de Georges Banu, e *Le danseur des solitudes*, de G. Didi-Huberman, assumindo junto com esses autores pesquisadores a posição de um espectador avisado que acompanha e observa e, ao descrever esses modos de composição de espetáculos e de mobilização de referências teóricas para explicar a insurgência do novo, tece, também ela, como autora espectadora, considerações sobre suas próprias pesquisas.

Segue-se a esse, o último ensaio da primeira sessão, **Gêneses do real no teatro: uma experiência de performatividade na cena brasileira contemporânea**, no qual Sílvia Fernandes (USP), a partir do reconhecimento da tensão entre realidade e ficção, recorrente na cena contemporânea, e da qual resulta o que em geral é definido como “teatros do real”, ensaia uma intersecção desse fenômeno com o campo teórico da performatividade, cuja ênfase recai sobre os processos, a dinâmica de transformação, a presença, a experiência e a recepção, recorrendo para essas reflexões aos conceitos apresentados por importantes pensadores contemporâneos.

Abre-se então a segunda sessão do vol. 1, **PESQUISA SOBRE ARTES**, que apresenta as reflexões de pensadores sobre processos e métodos de pesquisa em artes. Em **Experiência e história na pesquisa em artes**, Mário Bolognesi (UNESP-SP), cogita sobre os principais parâmetros da pesquisa em relação à delimitação de seu objeto, o tempo e o espaço: o tempo que direciona a investigação para a história, tanto do objeto em si, como do conhecimento acumulado sobre ele; o espaço que insere o objeto nas correlações simbólicas, culturais e sociais. Com isso, inscreve o

resultado do trabalho (artístico e de investigação) no âmbito das práticas simbólicas, de modo análogo ao que faz Averroes, no conto de Borges.

Segue-se o ensaio de Maria do Carmo de Freitas Veneroso (Cacau Freitas), da UFMG, em que **O campo ampliado da gravura: continuidades, rupturas, cruzamentos e contaminações** aborda a gravura em suas interseções e contrapontos com a escrita e a imagem no contexto da arte contemporânea. Problematizando as relações entre gravura artística e comercial, focaliza o jornal como metáfora da modernidade e da contaminação da arte pela linguagem comercial.

Roberto Conduru (UERJ) apresenta, nesta seção, **Desafios da pesquisa em história da arte hoje**, ensaio no qual pensa a história da arte em sua relação com a globalização, a partir de experiências com arte realizadas nos fluxos entre África e Brasil, "Pérolas negras", projeto que discute as relações entre arte e cultura, entre teoria, crítica e história da arte; entre a história da arte e outros campos disciplinares, como a antropologia, a sociologia, a ciência política e a cultura visual.

Fechando a seção e o n.1 do vol.1 do ARJ, o ensaio **Memórias do futuro: a utilização de material de arquivo na arte contemporânea Priscila Arantes**, de Priscila Arantes (PUC-SP), partindo de exemplo oferecido pelo trabalho de artistas da contemporaneidade, coloca em debate a maneira como os artistas têm revisitado o passado, no intuito de construir novas e diferentes narrativas a respeito da história, quando processam materiais de arquivo e documentos.

Gostaríamos de deixar nosso agradecimento ao empenho da professora Antonia Pereira, Coordenadora de Artes/Música junto à CAPES, à UFRN representada na pessoa da professora Edna Maria da Silva, Pró-Reitora de Pós-Graduação, aos membros do conselho editorial indicados pelas associações, em especial as editoras de seção (Sílvia Fernandes, Bia Medeiros e Eliane Leão) e os participantes do evento em Natal mencionados no Histórico da Revista na seção "Sobre" do ARJ <http://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/about/history>. Também

devemos muito ao apoio do LabDesign da UDESC, coordenado pelo professor Murilo Scoz, que sob a supervisão da professora Sandra Ramalho, membro do Conselho Editorial do ARJ, criaram o do logo, capa e layout de artigos do ARJ. A autoria principal do projeto é de João Salmória, a quem agradecemos também a diagramação dos artigos para o volume 1. O fundo da primeira capa foi gentilmente cedido por Cacau Freitas (*Caligrafia II*. Gravura em metal s/ papel, (single plate), 76,5 x 56,5 cm, 1983)

O ARJ será lançado durante as Jornadas do ART RESEARCH JOURNAL, II ENCONTRO, evento organizado pela área de Artes/Música da CAPES, com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC em Florianópolis, nos dias 13 e 14 de maio de 2014. Na ocasião, com apresentação de palestras de representantes do IBICT, ABEC, Portais SEER, e mesa redonda com editores de periódicos da área de artes, será feita uma avaliação do processo de edição inaugural do ARJ e planejamento visando o refinamento de sua política editorial e consolidação do periódico.

Boa leitura!